

## GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS<sup>1</sup>: REALIZAÇÕES SOCIOCULTURAIS

Josélia Pontes Nogueira Silva (1); Iara Ferreira de Melo Martins (2); Maria do Carmo Almeida de Oliveira (3)

(1. Profletras – UEPB, joselia.pontes@hotmail.com; 2. Profletras – UEPB, iaramartins@yahoo.com;  
3. Profletras – UEPB, maria.almeida.professora@gmail.com)

**Resumo:** Esse artigo objetiva tecer algumas considerações a respeito dos gêneros textuais/discursivos, destacando sua relevância para o ensino da leitura em sala, bem como apresentar uma sequência de atividades de leitura e produção textual com o gênero conto, voltada para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental e pautada nas concepções de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Além destes autores, que norteiam o trabalho com a sequência didática, nosso aporte teórico se fundamenta em estudos dos gêneros textuais/discursivos realizados por Rojo (2005), Bakhtin (2006), Marcuschi (2008) e Passarelli (2012), entre outros, que orientam as etapas de ensino e correção na produção de textos. A metodologia utilizada assenta-se numa pesquisa-ação, de natureza qualitativa e caráter descritivo/interpretativo. Assim, esperamos alcançar resultados significativos, os quais demonstrem que a aplicação da sequência de atividades com o gênero conto ultrapassa os limites da sala de aula.

**Palavras-chave:** Ensino, Leitura, Gênero Conto, Sequência Didática.

### 1 INTRODUÇÃO

Apesar de muito difundido nas diversas pesquisas e esferas educacionais, o conceito de gênero apresenta inúmeras definições elaboradas por especialistas e pesquisadores, tornando-se um tema complexo e de difícil delimitação para fins didáticos. Sabemos que existe hoje, tanto no Brasil como em países estrangeiros, uma intensificação de interesse por essa temática, o que explicaria a diversidade de abordagens teóricas acerca desse objeto de estudo. Isso demonstra, assim, certa competição, mesmo que positiva, entre as diferentes abordagens e concepções na tentativa de melhor definir o conceito de gênero.

Assim, ainda estamos longe de chegar à construção de uma definição única, ou seja, uma teoria unificada de gênero. Mas é certo que esse mosaico de correntes teóricas só vem enriquecer o debate entre os estudiosos acerca do tema, proporcionando, dessa forma, ganhos incontáveis ao trabalho com a linguagem em práticas sociais, sem que seja necessária uma integração das teorias de gênero ou explicações mais consensuais.

---

<sup>1</sup> A terminologia utilizada na definição de gêneros apresenta algumas variações, como: "gêneros discursivos", "gêneros do discurso", "gêneros textuais", "gêneros do texto". Assim, para efeito desta pesquisa, há de se considerar, como muitos autores, indistintamente, os termos gênero textual e gênero discursivo, ambos se referindo a tipos de enunciados relativamente estáveis, estão vinculados a uma situação de comunicação social.

Dessa forma, entre as diversas perspectivas teóricas de gênero, destacam-se três: a abordagem **sociosemiótica**, representada por Halliday, Hasan, Martin, Fairclough e Kress, estudiosos do tema que privilegiam um enfoque na léxico-gramática e nas funções desempenhadas por ela nos contextos sociais (MOTTA-ROTH, 2008); a abordagem **sociorretórica**, cujos representantes, Swales, Miller e Bhatia, trabalham principalmente com a organização retórica e os propósitos comunicativos do texto; e a abordagem **sociodiscursiva**, difundida pelos estudos do círculo de Bakhtin, como Adam, Bronckart, Schneuwly e Dolz, Maingueneau, Rojo e Machado, os quais focalizam um caráter mais social do que estrutural da linguagem, através de uma teoria crítica do discurso.

Apesar dessas diferentes correntes, para Motta-Roth (2008) parece existir um consenso entre as abordagens com relação a alguns elementos do gênero, a saber: a) Gêneros são usos da linguagem associados a atividades sociais; e b) Essas ações discursivas são recorrentes e, por isso, têm algum grau de estabilidade na forma, no conteúdo e no estilo.

Conforme Bonini (2004), na maioria das vezes, grande parte das pessoas adota uma representação ou uma imagem prototípica das materializações textuais, as quais devem estar vinculadas a este ou àquele gênero. No entanto, o autor salienta que, quando se buscam maiores detalhamentos, essas representações mostram-se incapazes de “abarcam a complexidade do fenômeno” (BONINI, 2004, p. 1). O autor destaca as definições de gênero que tomam a materialidade textual como exemplos de gêneros textuais propriamente ditos, e não como produções pertencentes a um dado gênero, podendo ser este o gênero literário, jornalístico, acadêmico etc.

Isto posto, convém esclarecer que este estudo valer-se-á da abordagem dialógica do círculo Bakhtiniano. Nosso objetivo será, então, tecer algumas considerações a respeito dos gêneros discursivos, destacando sua relevância para o ensino da leitura em sala de aula, bem como apresentar uma sequência de atividades de leitura e produção com o gênero conto, voltada para uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental e pautada nas concepções de Dolz e Schneuwly e Noverraz (2004).

Desse modo, tomando como ponto de partida as concepções de gênero elaboradas por Bakhtin (2006) e Marcuschi (2008), nossas reflexões estarão voltadas para o trato com a leitura e a produção do gênero conto. Consideramos, na abordagem do gênero, a perspectiva dialógica da linguagem por não privilegiar apenas a organização material do texto, mas por levar em conta o princípio dialógico, construído por meio da interatividade inerente à comunicação humana.

## 2 A ABORDAGEM SOCIODISCURSIVA DO GÊNERO

Diante da diversidade de conceitos de gênero, nas diferentes áreas em que é tomado como objeto de estudo, neste trabalho filiamo-nos à abordagem sociodiscursiva do estudo de gênero. Nela, os estudos sobre gêneros textuais/discursivos estão na base da terceira concepção de linguagem – uma perspectiva sociodiscursiva –, a partir dos postulados do círculo bakhtiniano. Acerca disso, Bakhtin (1997, p. 308) assegura que “o ponto de partida para o estudo de língua é o texto”, o qual é elemento primário de todas as disciplinas. Os PCN também reafirmam essa ideia e há boas razões para se ver a língua nessa perspectiva. Marcuschi (2008) justifica a adoção do texto (falado ou escrito) como fonte de ensino, visto que o trabalho com o texto não tem limite.

Podemos afirmar, assim, que sob a perspectiva sociocognitiva e interacional da linguagem, o ensino através do texto não se limita à organização do material linguístico, visto como produto acabado, delimitado, mas, sim, como um processo, ao mesmo tempo em que a linguagem humana é utilizada para interagir com outro(s) e/ou com o mundo. Nessa vertente, o texto traça um papel marcante no ensino da leitura e escrita. Como destaca Marcuschi (2008),

Se a língua é atividade interativa e não apenas forma, e o texto é um evento comunicativo e não apenas um artefato ou produto, a atenção e a análise dos processos de compreensão recaem nas atividades, nas habilidades e nos modos de produção de sentido bem como na organização e condução das informações (MARCUSCHI, 2008, p. 242).

Assim, cabe enfatizar que os textos, segundo Marcuschi (2008), sempre se realizam em gêneros e que cada gênero possui formas próprias de ser entendido. Nesse sentido, os gêneros podem ser definidos como as diferentes maneiras de organizar as informações linguísticas, de acordo com a finalidade do texto, o papel dos interlocutores e a situação. Eles surgem através das práticas sociocomunicativas dos falantes e são agrupados a partir das semelhanças entre a estrutura do texto e seu conteúdo temático, embora não se possa acomodá-los em categorias rígidas, pois, para atender a interesses e variadas situações de comunicação, estão sempre se transformando. Marcuschi (2008), ainda, destaca que os gêneros são entidades sociocomunicativas, dinâmicas, flexíveis e variáveis que se adaptam e se multiplicam para atender às necessidades comunicativas do sujeito.

Nesse espaço dialógico, Bakhtin (1997), precursor e defensor das inúmeras possibilidades de usos da língua, identifica os gêneros como componentes culturais e históricos. Para o autor, o *querer dizer* de cada locutor se efetua, principalmente, pela escolha

de um gênero, determinada a partir de um tema e de interlocutores nas atividades de interação.

Desse modo,

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo de fala, se tivéssemos que construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (BAKHTIN, 1997, p. 302).

Por esse prisma, percebemos que existe uma variedade indefinida de gêneros que permeiam as diversas esferas sociais, permitindo, assim, a interação entre os membros de uma comunidade que se constitui enquanto grupo social organizado. Dessa forma, os gêneros vão se modificando, adquirindo novas formas e funções e, quanto mais as atividades humanas se desenvolvem, mais gêneros surgem para atender as exigências das práticas sociais, o que torna difícil, ou mesmo impossível, quantificá-los.

Utilizando as palavras de Bakhtin (1997),

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997, p. 279).

O gênero, consideradas as contribuições de Bakhtin, passa a ser pensado, então, a partir de uma visão de discurso que privilegia o processo interativo, o qual naturalmente envolve as atividades enunciativas, mediadas pela correlação de posições sociais, pela intenção dos enunciadore e pelas finalidades específicas de cada esfera, “como um objeto discursivo ou enunciativo” (ROJO, 2005, p. 196).

Consoante Bakhtin (1997), os gêneros textuais/discursivos apresentam três dimensões, as quais são essenciais e inseparáveis: o conteúdo temático, a forma composicional e o estilo. Assim,

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Nessa perspectiva, o trabalho com o gênero em sala de aula condizente com os pressupostos desse autor precisa ser abordado em consonância com as três dimensões constitutivas do enunciado (conteúdo, estilo e composição). Para Rojo (2005) essas três dimensões dos gêneros são determinadas pelos parâmetros do contexto de fala/escrita ou

situação de produção dos enunciados. Então, objetiva-se que o aluno tenha acesso às especificidades linguísticas, discursivas e textuais do gênero em estudo, a partir da análise e reflexão dos elementos que o compõem.

## **2.1 O gênero conto na sala de aula**

Atualmente, a leitura realizada, na maioria das salas de aulas, não cumpre os objetivos propostos pelos PCN (1998) de língua portuguesa, os quais pressupõem um ensino de língua que contemple novas metodologias de incentivo às práticas de leitura e escrita. Nesse contexto, a concepção de leitura adotada pelo professor em sala de aula deve partir da visão sociointerativa/dialógica com foco na interação autor-texto-leitor, envolvendo a produção de sentidos, conforme cita Koch (2002).

Dessa forma, o ensino da leitura em sala de aula deve partir do princípio de que os textos, enquanto evento comunicativo, manifestam-se através dos gêneros, os quais podem ser orais e/ou escritos. Assim, é necessário trabalhar a leitura atrelada à teoria dos gêneros textuais/discursivos para que seja permitido ao aluno o desenvolvimento de suas habilidades linguístico/discursivas, as quais só poderão ser ampliadas por meio de um trajeto em que leitura, compreensão e interpretação de textos sejam vistos de maneira dinâmica e transformadora.

Nessa vertente, os gêneros constituem-se enquanto ferramentas de aprendizagem essenciais para o desenvolvimento das competências discursivas dos alunos, pois possibilitam situações diversas de comunicação ao falante em sala de aula. A esse respeito, Marcuschi (2008) ressalta que os gêneros precisam ser encarados como entidades comunicativas, com moldes verbais que se referem às práticas sociais consideravelmente estáveis, materializadas por meio de textos.

Assim sendo, o trabalho com o gênero conto em sala de aula constitui-se como um meio de levar os alunos a adentrar no universo da leitura de forma prazerosa e dinâmica. É, pois, uma ferramenta que o professor pode e deve utilizar a fim de melhor explorar a leitura na sua interação e significados, partindo da dimensão interacional da linguagem, a qual possibilita a valorização dos princípios da prática pedagógica, como também os sujeitos de aprendizagem.

Diante disso, é oportuno que o professor favoreça o contato dos alunos com gêneros orais e escritos que circulam nas diversas esferas da atividade humana – tendo em vista a diversidade de situações de usos –, pois está comprovado que o trabalho com a diversidade de

textos contribui para a formação de leitores fluentes, desde que o professor proporcione situações de leitura com objetivos claros, com foco nos processos de interação.

Nessa linha de raciocínio, os gêneros possibilitam uma oportunidade de transpor os desafios de um ensino baseado unicamente no acúmulo de informações, sem qualquer relação com o dia a dia do aluno, já que tendem a valorizar os atos sociais em que os atos linguísticos se realizam. Por esse motivo, o trabalho com os gêneros em sala de aula não deve acontecer de forma aleatória, ou porque estudos comprovam sua funcionalidade, mas é preciso que haja um planejamento considerando-se sua relevância para as instâncias sociais e de uso dos sujeitos.

Diante do exposto, trabalhar os gêneros textuais/discursivos em sala de aula, na perspectiva da interação e do dialogismo, constitui-se uma prerrogativa relevante para proporcionar o desenvolvimento das habilidades de leitura. Isso porque se contemplam essas três dimensões e enfocam-se os temas que emergem no contexto escolar, entremeados pelo estilo e pela composição textual, em vez de focar apenas a análise de sua forma e de seu estilo por si mesmos, prática tão corriqueira no ensino de língua portuguesa.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

As atividades propostas nessa pesquisa serão desenvolvidas em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Consiste em uma pesquisa de natureza aplicada e intervencionista, posto que seu objetivo seja produzir conhecimentos para aplicação prática. Intencionamos utilizar os conhecimentos teóricos a fim de superar as dificuldades de leitura e compreensão do gênero conto através de uma intervenção pedagógica.

#### **3.1 Proposta de intervenção**

Descreveremos aqui de forma concisa a proposta de intervenção, baseada na sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), com o gênero conto. A nossa sequência foi planejada para um total de 18 aulas, tendo cada uma um total de 40 minutos. Para tanto, foram selecionados oito contos, os quais seguem aqui elencados:

- 1- O homem nu (Fernando Sabino)
- 2- Felicidade Clandestina (Clarice Lispector)
- 3- O chapéu (Charles Kieffer)
- 4- A carteira (Machado de Assis)

- 5- Pausa (Moacyr Scliar)
- 6- Chuva: a abensonhada (Mia Couto)
- 7- Maneira de amar (Carlos Drummond de Andrade)
- 8- A incapacidade de ser verdadeiro (Carlos Drummond de Andrade)

### 3.1.1 Apresentação da Situação Inicial

**Objetivo:** Socializar os objetivos da intervenção e mostrar a importância de desenvolver a competência leitora para compreender e produzir diferentes gêneros discursivos.

No momento da apresentação da proposta, mostraremos detalhadamente a atividade de usos da linguagem em texto narrativo. Serão exibidos, com detalhes, o objetivo da intervenção e a problemática que motivou a elaboração de uma sequência didática com foco no gênero conto. Inicialmente, estabeleceremos um diálogo com a turma pautado nas questões de leitura, de como ela está presente na vida dos alunos.

Nesse primeiro momento, será apresentada a proposta de leitura e produção de conto a ser realizada nessa e nas próximas oficinas.

Assim, nessa primeira aula os alunos receberão as informações elementares para que possam identificar o gênero, bem como as etapas que serão percorridas para a efetivação do trabalho e os possíveis leitores dos textos.

### 3.1.2 A Produção Inicial

**Objetivo:** Estimular os alunos a desenvolver a proposta de produção do conto.

Vale lembrar que a primeira produção se configura como unidade básica e norteará os procedimentos da sequência didática. Nossa expectativa é de que a turma tenha assimilado as orientações dispostas nas oficinas anteriores e que as produções iniciais alcancem o objetivo almejado.

Ao término das produções, analisar criteriosamente as dificuldades na construção do gênero, verificando se os recursos linguísticos foram utilizados adequadamente, bem como os aspectos da textualidade. Ademais, elencar as dificuldades específicas de cada grupo e os “erros” comuns em todas as produções.

Assim sendo, essa etapa de produção inicial permite ao aluno descobrir o que já sabem acerca do gênero estudado, bem como ter consciência de suas deficiências em relação a

esse aprendizado. Também permite ao professor avaliar as capacidades assimiladas e desenvolvidas por seus alunos, como também possibilita o ajustamento das próximas atividades com vistas a sanar essas dificuldades e propiciar a ampliação dessas habilidades.

### 3.1.3 Os Módulos de Ensino

De posse das produções dos alunos, passa-se a diagnosticar as habilidades desenvolvidas no processo de apropriação do gênero por meio da leitura e, assim, planejar, elaborar atividades a serem aplicadas em módulos para reverter os problemas existentes na produção inicial dos alunos, de forma a contribuir para uma escrita mais eficiente. Assim, foram organizadas várias atividades divididas em cinco módulos de ensino:

#### **MÓDULO I** – Sistematizando os elementos constitutivos do conto

Lendo mais contos – *Felicidade clandestina* (Clarice Lispector)

**Objetivo:** Reconhecer os elementos constitutivos de um conto.

#### **MÓDULO II** – Contos de mesma temática

*A carteira* (Machado de Assis) e *O chapéu* (Charles Kieffer)

**Objetivo:** Fornecer informações prévias sobre o tema abordado nos dois contos a serem analisados e estudar a estrutura da narrativa.

#### **MÓDULO III** – Hora da Pesquisa

Pesquisa na sala de leitura da escola

**Objetivo:** Pesquisar e trazer para sala de aula contos de diversas temáticas.

#### **MÓDULO IV** – A textualidade no conto

A coesão e a coerência nos contos de Carlos Drummond de Andrade – *A incapacidade de ser verdadeiro* e *Maneira de amar*

**Objetivo:** Explorar os aspectos da textualidade do gênero conto.

#### **MÓDULO V** – Adequação da linguagem em contextos específicos de uso da língua

Conto *Chuva: a abensonhada* (Mia Couto)

**Objetivo:** Refletir sobre a adequação da linguagem a contextos específicos de uso da língua.

### 3.1.4 A Produção Final

**Objetivo:** Revisar a produção inicial, produzir a versão final e divulgar o livro de contos.

Cada aluno terá a oportunidade de avaliar a produção inicial e rever os pontos que precisam de ajustes e, a partir dessa revisão, produzir a versão definitiva a ser transposta para o livro de contos, que terá como suporte de circulação a biblioteca utilizada pela comunidade escolar. Nesse momento, é oportuno determinar a culminância da sequência didática no auditório da escola para que a comunidade escolar possa contemplar as práticas situadas de leituras e letramentos em contextos reais de aprendizagem.

Essa última etapa parte das diversas situações de comunicação estudadas em sala de aula ao longo dos vários módulos, ou seja, esse é o momento em que os alunos produzirão o texto no gênero textual/discursivo estudado durante a execução e efetivação da proposta de intervenção aplicada.

Os contos finalizados – e revisados pelo professor – serão organizados em formato de coletânea para fazer parte do acervo da sala de leitura da escola, sendo essencial um momento de culminância para a divulgação da produção dos contos dos alunos entre os membros da comunidade escolar.

Nessa vertente, podemos afirmar que a produção final orienta os professores para uma atitude responsável, humanista e profissional, à medida que, ao terem em mãos o resultado do desempenho dos alunos, podem chegar a uma conclusão ao fazer uma análise dos dados obtidos. Esses dados possibilitarão estabelecer um paralelo entre a primeira e a última produção, de modo a esclarecer o nível de desenvolvimento das competências avaliadas e saber se o objetivo proposto foi alcançado.

Em linhas gerais, pode-se afirmar que as sequências didáticas se constituem em procedimentos importantes para que o professor possa obter resultados satisfatórios no trato com a leitura e a escrita, com base em um determinado gênero textual/discursivo.

## 4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

É sabido que as atividades de leitura e de produção textual têm ocupado cada vez mais espaço nas aulas de português. Embora muitos professores ainda não tenham, na prática,

conseguido privilegiar essas atividades, ninguém pode discordar que elas são essenciais no ensino de língua materna.

Por isso, é essencial conceber o ensino de língua portuguesa sob a perspectiva interacional/dialógica, o que implica em refletir sobre as diversas situações de usos da linguagem, materializada nos diversos textos e gêneros textuais que circulam socialmente e que constituem nossas relações discursivas.

Para tanto, é necessário redimensionar nossas propostas e práticas de ensino numa perspectiva interacionista e dialógica da língua, através de situações que estimulem os alunos ao prazer de ler e que desenvolvam estratégias as quais contribuam na formação de seres construtores de saberes críticos em sua relação com o texto e com o outro.

Entendemos, portanto, que essa perspectiva de ensino é uma forma de instigar o aluno a realizar suas atividades em torno do gênero e de fazer com que ele analise linguisticamente o seu texto por meio de uma nova produção textual. Por tudo isso, consideramos as atividades com o gênero textual conto enriquecedoras de conhecimento, por serem capazes de despertar nos alunos o gosto pela leitura, ajudando-os a se tornarem construtores de suas próprias ideias através do conhecimento, da interação e da produção de contos, compreendendo seus usos, intencionalidades discursivas e sua funcionalidade em práticas situadas de letramento.

Sendo assim, almejamos que a nossa proposta de atividades possa obter dados de que o uso do gênero conto, a partir da aplicação da sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), possibilita a ampliação das competências de leitura dos alunos.

Em suma, esperamos que os momentos de leitura propostos nesta sequência didática confirmem a premissa de que essa metodologia oportuniza a definição de objetivos, bem como as escolhas de práticas competentes de leitura, favorecendo a ampliação de habilidades, interação e produção textual de contos. Pode também contribuir para reafirmar a nossa crença de que a interação com o gênero conto possibilita a eles o papel de sujeito de sua própria aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso in: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL. PCN: Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.

BONINI, A. Gênero textual/discursivo: o conceito e o fenômeno. In: CRISTOVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004. p. 3-17.

DOLZ, B.; NOVERRAZ, M. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização de R. Rojo e G. L. Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. 7ed, São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEURER, J.L., BONINI, Adair, MOTTA-ROTH, Désirée (orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOTTA-ROTH, D. **Análise crítica de gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem**. DELTA, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 341-383, 2008.

PASSARELLI, Lilian Maria Ghiuro. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Ed. Telos, 2012

ROJO, Helena Rodrigues. **Alfabetização e Letramento múltiplos: Como alfabetizar letrando?** In RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (coord.). **Língua Portuguesa: Ensino fundamental**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

\_\_\_\_\_. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

SCHNEUWLY, Bernand & DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.